

PORTUGUÊS BRASILEIRO: DESCRIÇÃO, HISTÓRIA, TEORIZAÇÃO¹

BRAZILIAN PORTUGUESE: DESCRIPTION, HISTORY, THEORY

ATALIBA T. DE CASTILHO
Universidade de São Paulo
Universidade de Campinas
CNPq, Brasil
ataliba@uol.com.br

Trato neste artigo de dois projetos coletivos, um sobre a descrição do português brasileiro culto, e outro sobre a história dessa mesma variedade. O trabalho é finalizado por considerações teóricas derivadas da observação dos resultados obtidos, do que venho chamando “abordagem linguística multissistêmica”.

Palavras chave: descrição linguística, história linguística, teoria linguística, português brasileiro

This essay deals with two collective linguistic projects, both undertaken in Brazil: one about the description of spoken Brazilian Portuguese, and other about the history of Brazilian Portuguese. A final section has been devoted to the multissystemic approach of language, a theoretical consideration derived from the findings of both projects.

Key words: linguistic description, linguistic history, linguistic theory, Brazilian Portuguese

0. INTRODUÇÃO

De 1999 a 2005, presidi a Associação de Linguística e Filologia da América Latina, tendo sido sucedido pela atual presidente, Profa. Dra. Alba Valencia. Auxiliado pela Diretoria, pelos Vogais e pelos Delegados Regionais, pude desenvolver à época as atividades adiante enumeradas.

Recibido
29/07/10
Aceptado
10/09/10

¹ El Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, ex-Presidente de la ALFAL, y uno de los Presidentes de Honor de la Institución, ha sido invitado especialmente por la Dirección de *Linguística* a colaborar en la revista. En el presente texto, da a conocer el trabajo realizado para el estudio y descripción del portugués brasileiro, en sus aspectos sincrónico y diacrónico. El Prof. Castilho ha sido el motor de estos estudios, cuyo germen surgió y se desarrolló en grupos de investigación de la ALFAL, incentivados por él durante su presidencia. (La Dirección).

- (1) Estímulo às Comissões de pesquisa: Ao assumir a Diretoria, a ALFAL contava com 6 Comissões de pesquisa, número logo elevado para 21. Combinei com seus coordenadores que o objetivo maior das comissões é manter a associação em funcionamento, entre um congresso e outro, buscando uma integração de indigenistas, hispanistas e lusitanistas, para aprofundar o conhecimento da complexidade linguística latino-americana.
- (2) Estímulo ao ingresso das novas gerações: Vital para a dinamização da ALFAL, o ingresso das novas gerações no quadro associativo deveria ser estimulado, mediante o oferecimento de quotas mais baixas para alunos da pós-graduação e a realização de Institutos Latino-americanos de Linguística e Filologia entre um congresso e outro. Nesses institutos, profissionais capacitados ofereceriam durante quarenta dias cursos intensivos de pós-graduação, focalizando as novas fronteiras da Linguística e da Teoria literária.
Infelizmente, não foi possível realizar os institutos de Linguística. Entretanto, diversos “ALFALitos” tiveram lugar durante o período, movimentando os associados das regiões respectivas.
- (3) Papel da Linguística e da Literatura na integração latino-americana: Comissões de pesquisa aguerridas, recheadas de novos valores, permitirão à ALFAL lançar-se a novas atividades, buscando em sua área de atuação concorrer para a integração latino-americana.

A última década testemunhou alguns fatos políticos impensáveis até pouco tempo atrás, com o surgimento dos grandes blocos: a Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), o Tratado de Livre Comércio entre o Canadá, os Estados Unidos e o México (NAFTA), a União Europeia (UE) e o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL).

O MERCOSUL reúne países que se guerrearam no passado, e que até bem pouco tempo nutriam grandes desconfianças uns em relação aos outros. Esse bloco é hoje uma realidade de que devemos nos orgulhar, apesar das naturais trepidações que acompanham a vida de grupos dessa natureza. Além de suas atividades econômicas, esse organismo vem debatendo uma política cultural gerida em grande parte pela “Associação das Universidades do Grupo de Montevidéu”, AUGM, criada em 1991.

Uma política linguística vai se delineando nesse órgão, pois o mundo globalizado reclama obviamente a intensificação do ensino das línguas. As línguas oficiais da ALFAL e objeto de suas pesquisas ocupam aí um lugar de relevo, por situarem-se entre as maiores do mundo.

Neste texto, tratarei de atividades típicas de comissões como as de “Investigación sobre la Romania Nueva”, “Gramática do português” e “História do português”. Meu objetivo aqui é atualizar as informações dos associados a respeito de projetos coletivos voltados para a descrição e a história do português brasileiro, a que acrescentarei uma proposta de teorização dos achados realizados nesses domínios.

1. DESCRIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Houve dois momentos na descrição coletiva do português brasileiro falado: o Projeto da Norma Urbana Linguística Culta (NURC), que se desenvolve desde 1970, e o Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), em que vou me deter aqui.

O PGPF reuniu entre 1988 e 2002 cerca de trinta e dois pesquisadores, ligados a doze universidades brasileiras, distribuídos pelos seguintes grupos de trabalho:

- Fonética e Fonologia, coordenado inicialmente por João Antônio de Moraes, e posteriormente por Maria Bernadete Marques Abaurre.
- Morfologia Derivacional e Flexional, coordenado por Margarida Basílio e Ângela Cecília de Souza Rodrigues, respectivamente.
- Sintaxe das Classes de Palavras, coordenado inicialmente por Rodolfo Ilari, e posteriormente por Maria Helena de Moura Neves.
- Sintaxe das Relações Gramaticais, coordenado inicialmente por Fernando Tarallo, e posteriormente por Mary Aizawa Kato.
- Organização Textual-Interativa, coordenado por Ingedore Grunfeld Villaça Koch.

Cada grupo de trabalho organizou uma agenda e traçou o recorte teórico que orientaria suas pesquisas, atuando continuamente entre 1988 e 2002. As agendas respectivas esgotaram-se em 1998, após a realização de dez seminários nacionais e a publicação de oito volumes de ensaios:

- Ataliba T. de Castilho (Org.) 1990. *Gramática do português falado*, vol. I, A ordem, Campinas, Editora da Unicamp/Fapesp; 4ª. edição, 2002, 263 pp.
- Rodolfo Ilari (Org.) 1992. *Gramática do português falado*, vol. II, Níveis de análise, Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 4ª. edição revista, 2002, 428 pp.
- Ataliba T. de Castilho (Org.) 1993. *Gramática do português falado*, vol. III, As abordagens, Campinas, Editora da Unicamp/Fapesp; 3ª. edição, 2002, 440 pp.
- Ataliba T. de Castilho e Margarida Basílio (Orgs.) 1996. *Gramática do português falado*, vol. IV, Estudos descritivos, Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas /Fapesp; 2ª. edição revista, 2002, 501 pp.

- Mary A. Kato (Org.) 1996. *Gramática do português falado*, vol. V, Convergências, Campinas, Fapesp/Editora da Unicamp; 2ª ed, 2002, 519 pp.
- Ingedore G. Villaça Koch (Org.) 1996. *Gramática do português falado*, vol. VI, Desenvolvimentos, Campinas, Editora da Unicamp/Fapesp, 501 pp.
- Maria Helena de Moura Neves (Org.) 1999. *Gramática do português falado*, vol. VII, Novos estudos, São Paulo, Campinas, Humanitas/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 742 pp.
- Maria Bernadete M. Abaurre e Ângela C. S. Rodrigues (Orgs.) 2002. *Gramática do Português Falado*, vol. VIII, Novos estudos descritivos, Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas/Fapesp, 602 pp.

A partir de 2002, deu-se início à consolidação dos resultados obtidos, publicados na série acima. Foram planejados cinco volumes, de que saíram três:

- Clélia Cândida Spinardi Jubran e Ingedore Grunfeld Villaça Koch (Orgs.) 2006. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, vol. I, Construção do texto falado, Campinas, Editora da Unicamp, 557 pp.
- Rodolfo Ilari e Maria Helena de Moura Neves (Orgs.) 2008. *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. II, Classes de palavras e construções, Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1162 pp.²
- Mary A. Kato e Milton Nascimento (Orgs.) 2009. *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. III, A construção da sentença, Campinas, Editora da Unicamp, 340 pp.

Proximamente serão publicados os vols. IV, Morfologia, e V, Fonologia, sob a organização, respectivamente, de Ieda Maria Alves e Ângela C.S. Rodrigues, e Maria Bernadete Abaurre, encerrando-se este projeto. Com ele, o português brasileiro tornou-se a primeira língua românica a ter sua variedade falada culta amplamente descrita.

2. HISTORIANDO O PORTUGUÊS BRASILEIRO

O Projeto para a História do Português Brasileiro foi organizado em 1997, na Universidade de São Paulo, inicialmente para historiar o português de São Paulo, visto que o português começou a ser implantado no Brasil por essa região, mais propriamente, por São Vicente, em 1532. A partir do I seminário, 1998, a ideia se propagou a outras regiões do país, e hoje o PHPB funciona a todo vapor.

Várias motivações respaldavam a ideia: (i) aproveitar os estímulos que vinham do Programa de História do Português, PROHPOR,

² Texto resenhado por Mirta Groppi em *Linguística* 23, junio 2010: 109-135.

lançado em Salvador pela Profa. Rosa Virgínia Mattos e Silva; (ii) capitalizar a experiência acumulada em pelo menos dois projetos coletivos anteriores, o Projeto NURC e o PGPF; (iii) ampliar nossos conhecimentos sobre a história do Português Brasileiro, procurando situar historicamente os achados deste último projeto.

Esse projeto articula os seguintes programas de pesquisa:

- (1) Organização do corpus diacrônico
- (2) História social
- (3) Mudança gramatical
- (4) Diacronia do texto e do discurso
- (5) História do léxico

Para apresentar e discutir os trabalhos em andamento, foram realizados até aqui oito seminários nacionais:

- I, São Paulo, 1997, sob o patrocínio da Área de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
- II, Campos do Jordão, 1998, sob o mesmo patrocínio.
- III, Campinas SP, 1999, sob o patrocínio do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas.
- IV, Teresópolis RJ, 2001, sob o patrocínio da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro Nacional de Pesquisa e Tecnologia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro.
- V, Ouro Preto, 2002, sob o patrocínio da Universidade Federal de Minas Gerais.
- VI, Salvador, 2004, sob o patrocínio da Universidade Federal da Bahia.
- VII, Londrina, 2007, sob o patrocínio da Universidade Estadual de Londrina.
- VIII, João Pessoa, 2010, sob o patrocínio da Universidade Federal da Paraíba.

Todos esses seminários tiveram suas atas publicadas:

- Ataliba T. de Castilho (Org.) 1998. *Para a História do Português Brasileiro*, vol. I, Primeiras ideias, São Paulo, Humanitas / Fapesp.
- Rosa Virgínia de Mattos e Silva (Org.) 2001. *Para a História do Português Brasileiro*, vol. II, Primeiros estudos, 2 tomos, São Paulo, Humanitas / Fapesp.
- Tânia Alkmim (Org.) 2002. *Para a História do Português Brasileiro*, vol. III, Novos estudos, São Paulo, Humanitas / Unicamp - USP.

- Maria Eugênia Lamoglia Duarte e Dinah M. Isensee Callou (Orgs.) 2002. *Para a História do Português Brasileiro*, vol. IV, Notícias de *corpora* e outros estudos, Rio de Janeiro, UFRJ – Letras / Faperj.
- Tânia Lobo; Ilza Ribeiro; Zenaide Carneiro e Norma Almeida (Orgs.) 2006. *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*, vol. VI, 2 tomos, Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Jânia Ramos e Mônica A. Alkmin (Orgs.) 2007. *Para a História do Português Brasileiro*, vol. V, Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Vanderci de Andrade Aguilera (Org. 2009). *Para a História do Português Brasileiro*, vol. VII, Vozes, veredas, voragens, 2 tomos, Londrina, Editora da Universidade Estadual de Londrina.
- Dermeval da Hora e Camilo Rosa (Orgs.) 2010. *Para a História do Português Brasileiro*, vol. VIII, Preparação da História do Português Brasileiro, João Pessoa, Editora da Universidade Federal da Paraíba.

É impossível relatar em curto espaço de tempo os achados do PHPB. Um primeiro balanço foi realizado em 2003, por ocasião do encerramento da cooperação com os romanistas alemães, em seminário realizado em Blaubeuren. Na ocasião, foram apresentados alguns relatórios, adiante resumidos e atualizados.

2.1. Mudança gramatical

No domínio da mudança gramatical, trabalharam até 2007 dois grupos, um de mudança sintática funcionalista, e outro de mudança sintática gerativista. Com a entrada de Demerval da Hora no projeto, dispomos agora de um terceiro grupo, que estudará a mudança fonológica.

O relatório de Ilza Ribeiro e Marilza de Oliveira apresenta as seguintes conclusões:

Os trabalhos apresentados confirmam as hipóteses de Ribeiro (2001) e de Moraes de Castilho (2001), a saber: (i) o PB é resultado de mais de uma gramática e não pode ser descrito comparativamente apenas em relação ao PE moderno; (ii) algumas questões gramaticais são derivadas das variantes linguísticas do português quatrocentista, cujo desenvolvimento está no domínio do PB.

As mudanças gramaticais creditadas ao português quatrocentista são as seguintes: a) o enfraquecimento da morfologia verbal; b) o apagamento de um dos constituintes do redobrimento sintático, do qual deriva o uso

do pronome tônico na posição de objeto e na estrutura possessiva; c) a perda da ordem VS de inversão germânica.

No domínio do PB verificamos mudanças na realização dos argumentos e nas preposições em complementos verbais. Na realização dos argumentos, observamos: a) o preenchimento do sujeito nas encaixadas com sujeito correferencial; b) a gramaticalização das formas pronominais, seja na posição de sujeito, seja na posição de objeto; c) a extensão do uso das formas pronominais gramaticalizadas para a realização do sujeito arbitrário; e d) a reorganização do sistema pronominal arbitrário, que sai da órbita da 3ª. pessoa para as pessoas do discurso. No que concerne às preposições em complementos verbais, foram registrados os primeiros indícios da perda gradual da preposição a nos verbos de movimento, nos verbos dativos e nas estruturas perceptivas e causativas.

No que diz respeito à gramaticalização das preposições nos complementos verbais e à gramaticalização dos pronomes, seja para o sujeito referencial seja para o sujeito arbitrário, parece que precisamos esperar o século XX para a implementação e difusão da mudança. Nesse sentido, o século XIX apresenta apenas algumas poucas evidências do que vinha a se firmar no século subsequente.

De uma maneira geral, pode-se dizer que a realização dos argumentos verbais, preposicionados ou não, depende do processo de gramaticalização dos elementos pronominais, que se faz gradualmente, em um percurso de LONGA duração, como mostrou Lopes, no estudo da gramaticalização do item a gente, e como mostraram os trabalhos de Duarte e Cavalcante no estudo do sujeito referencial e arbitrário. Além disso, o apagamento e o preenchimento de um elemento argumental se submetem à hierarquia da referencialidade (Cyrino, Duarte e Kato 2000), cujos polos são atingidos após um LONGO período de tempo, dada a interação dos diferentes traços semânticos envolvidos.

É possível que o enfraquecimento da morfologia verbal e o apagamento de um dos constituintes do redobrimento sintático sejam mudanças mais instantâneas, retardadas apenas pelas diferentes gramáticas que se alinham com as diferentes ondas migratórias.

Em suma, pode-se dizer que os trabalhos de descrição linguística desenvolvidos no âmbito do PHPB são altamente elucidativos na explicação da formação do PB e a sua continuidade se faz necessária para que possamos delinear o quadro descritivo da sintaxe do Português do Brasil e para fornecer explicação gramatical dos epifenômenos descritos, tarefas do PHPB, conforme Castilho (1997a).

2.2. *História social*

Sobre a história social, Tânia Lobo e Klebson de Oliveira mostraram que as atividades do PHPB tinham tomado várias direções: (i) projetos gerais, (ii) ensaios sobre a constituição sócio-histórica do português brasileiro popular e culto, observando-se entre outras coisas as consequências da simplificação do quadro pronominal e da simplificação da morfologia e (iii) projetos regionais. Sem dúvida, esta é a agenda mais árdua do PHPB, já pelas dificuldades em recortar o objeto empírico, já pela incontornável evidência de que o PB não dispõe de uma única história social, e sim de várias, tendo em conta os diversos momentos da implantação do português no território, tanto quanto dos complexos contactos linguísticos aqui havidos.

2.3. *Tradições discursivas e diacronia do texto*

Estas novas áreas de pesquisa foram introduzidas recentemente, tendo por objetivo incluir na agenda da Linguística Histórica os temas que vêm sendo versados pela Linguística do texto e pela Teoria das tradições discursivas.

Entende-se por tradição discursiva, segundo Kabatek (2003/2005)

... a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

A inclusão do tema das tradições discursivas pretende, de um lado, evitar que apenas um gênero discursivo seja contemplado no corpus diacrônico – caso em que estaríamos historiando não o PB, mas um dado gênero –, e de outro, historiar as tradições que configuram um gênero discursivo – já que um mesmo gênero admite variações.

O estudo da diacronia dos processos constitutivos do texto pretende explorar os achados do PGPF, constantes do trabalho de Jubran e Koch (2006). Esse volume expôs uma teoria sobre os processos de construção interativa do texto, a saber, a repetição, a correção, o

parafraseamento, a parentetização, a topicalidade e a referenciação (tópica e metadiscursiva). O que se quer saber é se esses processos mudaram ao longo do tempo. O processo de junção textual será igualmente analisado, focalizando preposições, conjunções, perífrases conjuncionais e preposicionais e outros elementos pertencentes ao repertório da língua que, via processos de gramaticalização, integram a categoria de juntores, que se constituem como um mecanismo essencial para a articulação e progressão textuais.

2.4. História do léxico

A organização do léxico histórico procederá ao levantamento e datação das palavras constantes de documentos manuscritos oficiais (correspondências eclesiásticas, notariais, cartas ao governo, por exemplo), além dos de caráter coloquial (familiar, pessoal, petições, entre outros).

2.5. Organização do corpus diacrônico

O corpus do PHPB consta de duas partes: (1) Corpus mínimo, a ser utilizado por todas as equipes

- | | |
|------------------------------------|-------------------------------------|
| 1) Testamentos | 6) Cartas oficiais |
| 2) Processos-crime | 7) Cartas de redatores / editoriais |
| 3) Atas de Câmara | 8) Cartas de leitores |
| 4) Cartas particulares | 9) Anúncios |
| 5) Cartas da administração privada | |

Corpus mínimo diferencial, a ser utilizado dependendo da disponibilidade regional e de tema

- 10) Inventários
- 11) Memórias/relatos históricos e diários históricos de viagem
- 12) Entremezes e outros textos teatrais
- 13) Inquéritos orais (NURC)

2.6. Consolidação dos achados

Por ocasião do VII Seminário, realizado em Londrina, em 2007, propus a preparação da *História da Língua Portuguesa*, como uma obra de grande porte, que consolidará o que se apurou até aqui, completando-se os claros a identificar.

No VIII Seminário, realizado em João Pessoa em 2010, o projeto da obra foi amplamente discutido, tendo-se aprovado o seguinte desenho:

Editor geral: Ataliba T. de Castilho

Introdução geral:

História do Projeto para a História do Português Brasileiro (Ataliba T. de Castilho, USP, Unicamp).

História das histórias do português brasileiro (Cristina Altman, USP)

Volume I – LINGUÍSTICA DE CORPUS.

Editores: Afrânio Gonçalves Barbosa (UFRJ) e Marcelo Módolo (USP)

Volume II – HISTÓRIA SOCIAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Tomo 1 – Editoras: Dinah Callou (UFRJ) e Tânia Lobo (UFBa).

Tomo 2 – Editoras: Jânia Ramos (UFMG) e Marilza de Oliveira (USP).

Volume III – MUDANÇA GRAMATICAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.

Tomo 1 – Mudança fonológica. Editores: Dermeval da Hora e Elisa Battisti

Tomo 2 – Mudança sintática sob a perspectiva funcionalista. Editores: Ataliba T. de Castilho (USP, Unicamp) e Célia Regina dos Santos Lopes (UFRJ)

Tomo 3 – Mudança sintática sob a perspectiva gerativista. Editoras: Sônia Lazarini Cyrino (Unicamp) e Ilza Ribeiro (UFBa)

Volume IV – DIACRONIA DOS GÊNEROS DISCURSIVOS E DOS PROCESSOS CONSTITUTIVOS DO TEXTO.

Tomo 1 – Tradições discursivas: constituição e mudança dos gêneros discursivos.

Editoras: Maria Lúcia C.V.O. Andrade (USP) e Valéria Gomes (UFRPe).

Tomo 2 – Diacronia dos processos constitutivos do texto. Editoras: Clélia C. Spinardi Jubran e Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi (Unesp / SJRP)

Volume V – LÉXICO HISTÓRICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Editoras: Vanderci Aguilera (UEL) e Fabiane Cristina Altino (UEL).

Os cinco volumes e respectivos tomos constituirão uma obra articulada, não uma coletânea de artigos soltos. Seus editores redigirão uma Introdução para cada volume / tomo, em que farão constar o(s) recorte(s) teórico(s) observados pelos autores dos capítulos, cuidando da compatibilização dos capítulos a essa introdução e ao corpus aprovado para a elaboração da obra.

3. TEORIZANDO SOBRE OS ACHADOS

Cabe agora dar outro passo, que será inferir as teorias linguísticas efetivamente utilizadas pelos pesquisadores do PGPF e do PHPB. Como se sabe, uma teoria nunca permanece a mesma depois de exposta a uma boa dose de empiria, donde a importância desta iniciativa.

Muito conhecimento foi acumulado pelos projetos acima, à espera da reflexão crítica e teórica dos linguistas. De algum tempo a esta parte resolvi me lançar o desafio de contribuir para essa reflexão teórica, o que justifica a presente seção.

3.1. Abordagem multissistêmica da língua

A abordagem multissistêmica do Português brasileiro é um dos encaminhamentos para essa teorização. Ela procura responder a uma pergunta crucial: qual é o trabalho que os brasileiros vêm desenvolvendo sobre a Língua Portuguesa?

O pontapé inicial para o desenvolvimento dessa abordagem veio das análises que os pesquisadores do PGPf tinham encomendado ao Prof. Milton do Nascimento, por ocasião do IV Seminário desse projeto. Pediu-se ao Milton que no final de cada seminário ele deveria identificar os rumos que a pesquisa vinha tomando. Durante dez anos ele foi nosso guru no campo das generalizações de que precisávamos.

Como vimos na seção 1, os pesquisadores ligados ao PGPf não atuavam numa única linha teórica, o que representou um desafio a uma de nossas crenças mais arraigadas, a de que sem uma articulação teórica única não se avança na análise linguística. Pois esse arrojo se revelou afinal o grande trunfo do grupo. O que parecia um erro, juntar pessoas que pensam diferente à volta de um objetivo comum e de um corpus comum, se transformou num evidente sucesso.

O Milton nos foi mostrando que a gramática que se estava escrevendo focalizava fortemente os processos linguísticos, não se limitando à esperada apresentação de uma lista de produtos, devidamente empalhados e catalogados: Nascimento (1993/2005). Afinal, classificar produtos sempre foi o prato forte das gramáticas descritivas. Mas os pesquisadores do PGPf estavam caminhando para outra direção.

Enquanto ouvia as considerações do Milton, fui observando que as afirmações de Wilhem von Humboldt faziam um tremendo sentido, quando este linguista dizia que “*la lengua misma no es una obra (érgon) sino una actividad (enérgeia)*” (Humboldt 1836/1990:65).

Comecei então a imaginar uma metodologia que pusesse em relevo os processos, valendo-se dos produtos como um ponto de entrada para seu estudo. Era o caso, também, de tornar claro que a descrição da oralidade estava alterando nossa percepção sobre a linguagem,

moldando novos hábitos científicos. Escrevi, assim, o livrinho *Língua falada e ensino do português*, em 1998 (Castilho 1998a, 2004).

Outros estímulos à preparação dessa teoria ocorreram durante o Instituto de Verão da Sociedade Americana de Linguística, realizado em Albuquerque, NM, em 1995, e um pós-doutorado realizado na Universidade de Georgetown, sob a supervisão de David Lightfoot, em 2004.

No primeiro evento, frequentei alguns cursos sobre gramaticalização. A gramaticalização, como se sabe, retrata as palavras e as construções em sua interminável alteração, demonstrando que a língua é, de fato, uma tremenda *énérgeia*! É por isso que a gramaticalização se tornou a *pièce de résistance* do Funcionalismo, orientação teórica mais interessada nas construções em andamento do que nas construções já cristalizadas.

Mas enquanto lia a bibliografia, fui achando que certas coisas não batiam bem. Em primeiro lugar, ficou claro para mim que a abordagem funcionalista abriga uma crise derivada de seu hesitante ponto de vista sobre a língua, em que se combinam duas perspectivas epistemológicas diferentes: a ciência clássica, que focaliza os produtos, e a ciência dos domínios complexos, que focaliza os processos. Os “gramaticalizados” lidam o tempo todo com um processo linguístico, mas estavam usando as lentes erradas para focalizar esse fenômeno.

No segundo evento, tomei conhecimento de uma nova epistemologia, a ciência dos domínios complexos. Essa orientação poderia ser uma saída para a crise, desde que tentássemos formular uma teoria que entendesse a língua como um sistema complexo e dinâmico, suficiente para enquadrar adequadamente os processos da linguagem, para além da gramaticalização.

A ciência dos sistemas complexos, também denominada teoria do caos, vem descrita em Gleick (1988), Waldrop (1993) e Cilliers (2000), entre outros. Os termos “caos” e “sistemas complexos” se alternam na literatura específica, mas aqui será dada preferência ao segundo termo.

Essa ciência representa uma revolução científica que se aplica a domínios tão variados como a Meteorologia, a Economia, a Biologia, a Física, a Antropologia, com forte apoio na Matemática e nas Ciências da Computação. Em seu conjunto, elas se propõem a ampliar os domínios e procedimentos da ciência.

Os seguintes objetos caracterizam o campo da ciência dos sistemas complexos, segundo se depreende das pesquisas resenhadas pelos autores acima citados:

- (1) Os componentes dos sistemas complexos exibem um tipo de ordem sem periodicidade, em fluxo contínuo, em mudança – como queria Heráclito.

Os sistemas complexos nunca atingem a estabilidade, deslocando-se como pêndulos para lá e para cá.

No domínio da Linguística, os neogramáticos tinham identificado e registrado casos de nasalação convivendo com casos de desnasalação, a palatização de braços dados com a despalatização etc. Isso aponta para um movimento pendular no interior das línguas, raciocínio que nos leva a Lightfoot (1999), quando ele afirma que:

- (2) a mudança gramatical é mais imprevisível do que se pensa (p. 19); ela é caótica, no sentido técnico [dessa palavra] (p. 259); a gramática muda como uma bola de bilhar numa superfície ondulada (p. 206); a noção de que havia uma direcionalidade [na mudança] [...] desabou em sua própria circularidade. (Lightfoot 1999: 208)

Respaldando o entendimento da língua como um sistema complexo, que exhibe “um tipo de ordem sem periodicidade, em fluxo contínuo, em mudança”, Moraes de Castilho (2005) constatou a oscilação entre a configuracionalidade e a não configuracionalidade sintática na história do português. Naro e Scherre (2007) mostram que nos dialetos itálicos pré-românicos o [-s] final enfraqueceu-se e caiu, mas isso não impediu que ele reaparecesse no século II, desaparecendo de novo nas línguas românicas em geral.

- (3) Os sistemas não são lineares, são dinâmicos, exibem um comportamento irregular, imprevisível.

Os sistemas combinam a estabilidade e o caos (Gleick 1988: 68 e 79). Como reconhecem os autores citados por Waldrop (1993: 11 e 145-185), um sistema é complexo “no sentido de que muitos agentes independentes interagem uns com os outros de formas muito variadas”. Neles, “o mesmo material vai e vem em combinações infinitas” (Waldrop 1993: 335). Esses agentes são imprezíveis, caóticos, e atuam em paralelo, simultaneamente, não passo a passo. Não é possível identificar um agente que determine ou atue sobre outros agentes. Os

neurologistas afirmam que “não há um neurón-mestre no cérebro”. O que ocorre é um polifuncionalismo entre os agentes.

- (4) Os sistemas complexos não podem ser entendidos simplesmente através da análise de seus componentes, devendo-se ter em mente a interação entre eles. Em outras palavras, “recortando o sistema, o método analítico destrói o que está tentando entender” (Cilliers 2000: 2).

Objetos tão complexos como o cérebro e a língua do dia a dia não abrem espaço para as descrições exclusivamente analíticas. Com isso, os componentes dos sistemas complexos não são definíveis por si sós, e sim através do relacionamento estabelecido entre eles. A memória, por exemplo, não reside num neurón, mas nas relações entre neuróns. O significado é determinado por relações dinâmicas entre os componentes do sistema, e com isso retomam sua força as afirmações de Saussure sobre a *langue* como um sistema em que tudo se entrelaça, e ainda aquela outra segundo a qual “na língua não há senão diferenças” (Cilliers 2000: 38-47).

Ora, as línguas naturais ilustram igualmente esse comportamento, bastando tomar como exemplo uma transcrição da língua falada. Quando aplicados à oralidade, os princípios descritivos de corte clássico acabam por limitar-se a alguns restos, a algumas estruturas estáticas que não representam o tremendo dinamismo de que é feita a oralidade. O “grosso da tropa”, por assim dizer, é descartado, dada a insuficiência da postulação teórica.

Como esses eram os princípios disponíveis no momento em que tomaram vulto os estudos sobre a língua falada, não faltou quem alegasse que essa modalidade não tem sintaxe, não é um objeto científico, etc.

- (5) Os elementos dos sistemas complexos exibem relacionamentos simultâneos, não são construídos passo a passo, linearmente. Eles são adaptáveis e auto-organizados.

Para dar conta desses fenômenos, a ciência dos domínios complexos assume as seguintes posições:

- (1) As anomalias identificadas pela abordagem clássica exemplificam fenômenos vitais para o entendimento do problema, e não deveriam ser descartadas como aberrantes.

A ciência deveria tentar entender tais fenômenos, em lugar de fazer predições (Waldrop 1993: 43, citando William Brian Arthur).

- (2) Uma nova topologia do impreciso, do vago, do aproximativo, precisará ser proposta.

A geometria euclidiana, por exemplo, não permite que entendamos a complexidade, visto que nuvens não são esferas, montanhas não são cones, e a luz não viaja numa linha reta: “A nova geometria espelha um universo que é desigual, não perfeito, áspero, não macio. É a geometria do esburacado, do quebrado, do retorcido, intrincado, embaraçado e entrelaçado” (Gleick 1988: 94).

No domínio das línguas naturais, o arranjo euclidiano do espaço serve como um ponto de partida para o estudo das preposições, por exemplo, mas esse arranjo é logo alterado pelos esquemas imagéticos, pelas projeções dos espaços mentais e por outros processos cognitivos (Ilari *et al.* 2008). Outros reflexos dessa posição nos estudos linguísticos aparecem na teoria dos protótipos (Lakoff 1975 e 1982).

- (3) Os sistemas complexos são adaptáveis e auto-organizados, seus agentes ganham experiência e revêm constantemente sua atuação.

Esses sistemas nunca atingem um estado de equilíbrio. O equilíbrio não tem lugar entre as características dos fenômenos complexos. A atuação das economias, das mentes e dos organismos apenas antecipa como o mundo será. No campo da Linguística, essas observações tornam sem sentido afirmações do tipo “época linguística de desenvolvimento máximo”, “período de decadência”, “melhora linguística”, e assim por diante. Ao contrário, pesquisadores em Biologia vêm dando valor maior aos processos conhecidos como de autorregulação. A propriedade de autorregulação mostra a importância da história no estudo dos sistemas complexos. Visto que esses sistemas são continuamente transformados pelo entorno e por eles mesmos, traços de sua história permanecem escassamente, distribuídos ao longo do sistema (Cilliers 2000: 108).

- (4) A competição nos sistemas é mais importante que sua consistência.

A consistência é uma quimera, visto que num mundo tão complicado não há garantias de que mesmo os experimentos científicos

sejam consistentes. Os testes sintáticos, por exemplo, nem sempre ajudam no conhecimento dos dados, visto que eles podem interferir no fenômeno sob análise, abrindo caminho a outras realidades.

- (5) Finalmente, ao tratar de fenômenos complexos nenhum método revelará por si mesmo o objeto por inteiro (Cilliers 2000: viii-ix e 23).

Aplicada às línguas naturais, esta percepção implica que não poderemos nos ater a um modelo teórico apenas. A complexidade linguística põe em cheque uma afirmação constantemente repetida entre nós, acerca da necessidade de consistência teórica e da proibição de posições ecléticas. Para rever essa afirmação, precisamos levar em conta a natureza do objeto empírico sob exame. Os modelos clássicos dão conta das estruturas cristalizadas. Os modelos que a ciência dos domínios complexos vier a desenvolver na Linguística poderão dar conta das estruturas em construção.

Cheguei assim ao que tenho chamado “abordagem multissistêmica da língua”, que implicará a construção de uma nova agenda de pesquisas, necessariamente interdisciplinares, pois qualquer fenômeno será estudado a partir de quatro perspectivas: (i) Léxico e lexicalização, (ii) Semântica e semanticização, (iii) Discurso e discursivização, (iv) Gramática e gramaticalização.

Um conjunto articulado de categorias caracteriza cada um desses sistemas. Nenhum deles pode ser postulado como o centro da língua. Nenhum deles determina os outros.

Lembre-se que tanto formalistas quanto funcionalistas costumam eleger um sistema para o centro da língua, o qual, por estipulação teórica, determina os demais sistemas. Na história da Linguística, ocuparam esse trono a Fonética (para os neogramáticos), a Fonologia (para os estruturalistas), a Sintaxe (para os gerativistas) e o Discurso e/ou a Semântica (para os funcionalistas).

Ora, por que se tem afirmado que as línguas dispõem de um sistema central? Que percepção epistemológica está por trás dessa postulação? Comecei a pensar que de nada adiantará ficar mudando de cadeira, se continuarmos a dançar conforme a mesma música. E me diverti ao constatar que tanto funcionalistas quanto formalistas frequentam esse mesmo baile! Logo eles, que se acham tão diferentes! Pois não é que as duas tendências compartilham a mesma percepção linearizada da

língua, passível de ser acomodada em camadas, articulando-se ditas camadas em sistemas, um dos quais seria o centro da língua?

Ora, as descrições sobre a oralidade tinham desmentido fortemente a percepção da língua como uma linha. É verdade que, quando falamos ou escrevemos, o produto é linear. Mas os processos de criação linguística que volta e meia se revelam nas entrevistas aconselham a que abandonemos a ideia da língua-linha. Não podemos aceitar que nossa mente funcione pobremente através de impulsos sequenciais, lineares, uns depois dos outros, ou uns em cima dos outros, não importa.

Esses impulsos são, ao contrário, multilineares, simultâneos. A língua falada documenta a emergência fugaz desses caminhos múltiplos, basta ter olhos que queiram ver. Infelizmente, as propriedades mais legitimamente constitutivas da língua falada têm sido dadas à conta de certa desordem mental, talvez mesmo casos de afasia. Ao etiquetar a língua falada como uma desordem descontrolada, estamos pondo vendas em nossos olhos, deixando de verificar o que está ali, bem patente. Os volumes da *Gramática do português culto falado no Brasil* mostram isso com a maior clareza.

Muito bem, temos então quatro sistemas, e nenhum deles manda no vizinho. Mas esses sistemas precisam, decerto, de alguma forma de articulação, para que possamos movimentá-los na formulação do pensamento, na expressão dos sentimentos, na busca da ação sobre o outro.

Postulei então um dispositivo sociocognitivo como princípio gestor dos sistemas. Ele é social porque se fundamenta nos princípios da interação conversacional que foram identificados pela Análise da Conversação. E é cognitivo porque opera com a representação linguística das categorias cognitivas, que vêm sendo identificadas pela Linguística homônima.

Como se sabe, três estratégias movimentam a conversação: (i) a projeção dos turnos, (ii) a repetição do que foi dito, (iii) o abandono do que estava sendo dito, a que se segue a imediata retomada do turno. Todas essas estratégias derivam do monitoramento contínuo a que submetemos nossas conversações. Em consequência, a postulação do princípio sociocognitivo deveria ser efetivada a partir de três movimentos mentais simultâneos, a ativação, a reativação e a desativação das categorias lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais. Quem

diria! A conversação, um exercício tão banal, mas suficientemente forte para hospedar os princípios reitores da língua!

Para a percepção da língua como um multissistema, inspirei-me em autores tais como Humboldt (1836, 1990), Morris (1938), Franchi (1976), Halliday (1985), Nascimento (1993, 2005), buscando sempre interpretar a partir dessas perspectivas os achados do Projeto NURC, do PGPf, e do PHPB: Castilho (1998b,d; 2003a,b; 2004a,b,c,d; 2005, 2007, 2009a). Versões anteriores da proposta se beneficiaram do criticismo construtivo de colegas como Margarida Basílio, Jânia Ramos, Sônia Bastos Borba Costa, Augusto Soares da Silva, e de orientandos de mestrado e doutorado. Algumas aplicações da proposta aparecem em Castilho (1997b,c; 1998a,c; 2000b; 2003a,b; 2004a,c; 2007, 2009a,b), Barreto (2004), Módolo (2004, 2006), Kewitz (2007, 2009), Simões (2007), Braga (2008), Defendi, Spaziani, Cacciaguerra e Vicente (2009), Santos, Bernardo, Terra e Barroso (2009), Sartini (2009). A concepção do portal www.museudalinguaportuguesa.org tomou igualmente em conta esta proposta.

3.2. Nova gramática do português brasileiro

Mas seria preciso testar a teoria mais amplamente. Imaginei que interpretar desse ponto de vista os últimos 30 anos da produção linguística brasileira seria um bom exercício. Escrevi então a *Nova Gramática do Português Brasileiro*, publicada em abril de 2010 pela Editora Contexto, com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo. Vejamos como é essa gramática.

A Nova Gramática do Português brasileiro tem a seguinte estrutura:

Prefácio de Rodolfo Ilari

Apresentação geral do texto

Cap. 1 – O que se entende por língua e por gramática

Cap. 2 – Os sistemas linguísticos

Cap. 3 – História do Português Brasileiro

Cap. 4 – Diversidade do Português Brasileiro

Cap. 5 – A conversação e o texto

Cap. 6 – Primeira abordagem da sentença

Cap. 7 – Estrutura funcional da sentença

Cap. 8 – Minissentença e sentença simples: tipologias

Cap. 9 – A sentença complexa e sua tipologia

Cap. 10 – O sintagma verbal

- Cap. 11 – O sintagma nominal
- Cap. 12 – O sintagma adjetival
- Cap. 13 – O sintagma adverbial
- Cap. 14 – O sintagma preposicional
- Cap.15 – Algumas generalizações sobre a gramática do português brasileiro. A reflexão gramatical.

Adotei o seguinte ritmo na escritura dessa gramática: (i) primeiramente, apresento exemplos colhidos na língua falada e na língua escrita corrente; (ii) depois, identifico aí um fenômeno e apresento a interpretação que lhe vem sendo dada; (iii) promovo então sua análise multissistêmica, identificando suas propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais. Para uma verticalização da análise, indico leituras, sequenciadas cronologicamente, formulo novas perguntas, convidando o leitor a continuar a análise.

No geral, os capítulos têm um estilo dialógico, informal, bem humorado, em que debato alternativas de análise e escolho uma, nos termos da teoria adotada. Vou insistindo em que não há uma única forma de entender os fatos da linguagem.

Invertendo o ritmo habitualmente observado em nossas gramáticas, esforcei-me o tempo todo para que se veja em meu livro primeiramente a língua, e depois a gramática. Combato, dessa forma, uma das consequências da excessiva escolarização dessa antiga disciplina. Evitei uma exposição acrítica dos fatos, dando-os como verdades únicas que não admitem contestação. Provoco continuamente o leitor, simulando com ele uma conversa, em que argumentos contrários são lançados à mesa, até que se escolha uma opção de análise. Estou convencido de que a análise gramatical deve ser um exercício crítico, um exercício de cidadania – e não o lugar das verdades acabadas.

As gramáticas não mencionam habitualmente sua orientação epistemológica, que em geral é o das ciências clássicas, nem o ponto de vista que animará as descrições, que representa em geral uma mistura de perspectivas. Como já disse, dei a esta gramática uma orientação teórica própria. Deixei de lado o entendimento da língua como um elenco de signos organizados em unidades hierárquicas, e favoreci o entendimento da língua como um conjunto de operações cognitivas.

Por outro lado, as gramáticas se fundamentam exclusivamente na língua escrita, preferentemente em sua modalidade literária. Incorporei

nesta gramática a língua falada, utilizando, no caso da língua escrita, os textos jornalísticos a que qualquer cidadão está exposto. Continuo achando um despropósito fundamentar a descrição gramatical na língua literária. Essa modalidade tem um projeto estético, que a afasta deliberadamente do modo comum de dizer as coisas. A língua literária não é o lugar da linguagem corrente de que se ocupam as gramáticas. E ainda bem que é assim!

Ao longo do texto, sobretudo no capítulo 15, procuro desenvolver nos leitores o gosto pela reflexão e pela pesquisa, libertando-os da dependência da “voz de gramáticos e de linguistas”. Esse foi um lance meio calvinista, no qual insisto em que entre o leitor e a língua não é preciso interpor um despachante para a solução das dúvidas e das curiosidades levantadas por ela, seja um despachante-gramático, seja um despachante-linguista. Para atingir esse objetivo, apresento na segunda parte do Cap. 15 a metodologia da pesquisa linguística, listando projetinhos que poderão ser desenvolvidos pelos leitores. O subtítulo desse capítulo é “no dia em que virei linguista-gramático”. Afinal, não é verdade que carregamos a língua em nossa mente?

Nesse capítulo 15, faço igualmente uma leitura onomasiológica dos fenômenos estudados nos capítulos anteriores, demonstrando que eles representam, em sua diversidade enorme e aparentemente caótica, algumas poucas categorias cognitivas, tais como PESSOA, COISA, ESPAÇO e TEMPO, MOVIMENTO, QUALIDADE, QUANTIDADE. Posteriormente, redigi um ensaio em que aponto para a importância da representação da categoria de MOVIMENTO para entendermos os diferentes rumos que o padrão europeu e brasileiro da língua portuguesa vêm tomando: Castilho (2010b).

Para que o leitor obtenha maior aproveitamento da obra, providenciei um glossário terminológico, um índice de matéria, e organizei tematicamente as referências bibliográficas.

Sei que produzi uma gramática um tanto paradoxal, dado o que temos entendido habitualmente por essa disciplina.

4. CONCLUSÕES

Este texto relata parte das extensas atividades de pesquisas linguísticas desenvolvidas no Brasil, nos últimos trinta anos. Certamente, outras tantas atividades ocorreram nos demais países representados na ALFAL.

Está mais do que na hora de potencializar nossos conhecimentos sobre a realidade linguística latinoamericana, numa forma articulada e produtiva. A região em que vivemos mantém ainda questões educacionais básicas, que deveriam ter sido solucionadas antes de nossa entrada no séc. XXI.

O mundo concentra seu olhar em nossa região, dado o desenvolvimento econômico de nossos países. Deveríamos capitalizar esse momento, ativando nossas investigações. A ALFAL é o lugar privilegiado para essa ação.

Um bom plano a esse respeito seria a criação de uma comissão de pesquisas sobre epistemologia linguística, com o objetivo de formar teóricos nos estudos da linguagem. O objetivo dessa comissão seria contribuir para que a Linguística latinoamericana deixasse seu quadro atual de importadora de teorias, concentrando-se em sua criação, com fundamento no vasto conhecimento linguístico sobre o território, acumulado nas últimas décadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barreto, Therezinha Maria Mello. 2004. Esboço de estudo multissistêmico do item conjuncional 'conforme', em S. Bastos Borba Costa e A. V. Lopes Machado Filho (Orgs.), *Do Português Arcaico ao Português Brasileiro*, Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia: 13-30.
- Braga, Henrique Santos. 2008. *Desaparecimento da flexão verbal como marca de tratamento no modo imperativo. Um caso de variação e mudança no Português Brasileiro*, São Paulo, Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado.
- Castilho, Ataliba T. de. 1997a. A gramaticalização. *Estudos linguísticos e literários* 19: 25-63.
- Castilho, Ataliba T. de. 1997b. Língua falada e gramaticalização: o caso de *mas*. *Filologia e Linguística Portuguesa* 1: 107-120.
- Castilho, Ataliba T. de. 1997c. Para uma sintaxe da repetição. Língua falada e gramaticalização, *Língua e Literatura* 22: 293-332. Uma versão preliminar [Castilho 2000c] apareceu como: A repetição como processo constitutivo da gramática do português falado, em J. A. Samper Padilla y M. Troya D. (Orgs.) *Actas del XI Congreso de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina*, Las Palmas, Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, t. III: 2289-2298.
- Castilho, Ataliba T. de. 1998a. *A Língua Falada no Ensino de Português*, São Paulo, Contexto [6ª ed. 2004].
- Castilho, Ataliba T. de. 1998b. Langue parlée et processus grammaticaux, em M. Bilger, K. van den Eynde, F. Gadet (Eds.), *Analyse linguistique et approches de l'oral*. Recueil d'études offert en hommage à Claire Blanche-Benveniste. Paris/Leuven, Peeters: 141-148.

- Castilho, Ataliba T. de. 1998c. Aspectos teóricos de la descripción de la lengua hablada, em M. Bernales y C. Contreras (Orgs.), *Por los Caminos del Lenguaje*, Temuco, Ediciones Universidad de La Frontera: 23-37.
- Castilho, Ataliba T. de. 1998d. Projeto de história do Português de São Paulo, em A.T. de Castilho (Org.): 61-78.
- Castilho, Ataliba T. de. 1999. Para a história do Português de São Paulo, *Revista Portuguesa de Filologia*, XXIII: 29-70.
- Castilho, Ataliba T. de. 2000. Para um programa de pesquisas sobre a história social do português de São Paulo, em R. V. Mattos e Silva (Org.), t. 2: 337-370.
- Castilho, Ataliba T. de. 2003a. Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro, em J. Ramos e M. Alckmim (Orgs.), *Para a História do Português Brasileiro*, vol. V: Estudos sobre mudança linguística e história social, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: 53-132.
- Castilho, Ataliba T. de. 2003b. Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas, em T. Lobo, I. Ribeiro, Z. Carneiro, N. Almeida (Orgs.), *Para a História do Português Brasileiro*, Salvador, EdUFba, vol. VI, t. 1: 223-296.
- Castilho, Ataliba T. de. 2004a. Diacronia das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro, em L. Negri *et alii* (Org.), *Sentido e Significação. Em torno da obra de Rodolfo Ilari*, São Paulo, Contexto: 11-47.
- Castilho, Ataliba T. de. 2004b. Unidirectionality or multidirectionality? *Revista do GEL* 1: 35-48.
- Castilho, Ataliba T. de. 2004c. Reflexões sobre a teoria da gramaticalização. Contribuição ao debate sobre gramaticalização no contexto do PHPB, em W. Dietrich e V. Noll (Orgs.), *O Português do Brasil. Perspectivas da pesquisa atual*, Frankfurt am Main / Madrid, Vervuert Iberoamericana: 203-230.
- Castilho, Ataliba T. de. 2004d. Reflexões sobre a teoria da gramaticalização. Contribuição ao debate sobre gramaticalização no contexto do PHPB, em W. Dietrich e V. Noll (Orgs.), *op.cit.*: 203-230.
- Castilho, Ataliba T. de. 2005. Língua Portuguesa e política linguística: o ponto de vista brasileiro, em *Convergências e divergências no espaço da língua portuguesa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castilho, Ataliba T. de. 2007. Abordagem da língua como um sistema complexo. Contribuições para uma nova Linguística Histórica, em A.T. de Castilho, M.A. Torres Morais, R.E.V. Lopes, S.M.L. Cyrino (Orgs.), *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro. Homenagem a Mary A. Kato*, Campinas, Pontes, Fapesp: 329-360.
- Castilho, Ataliba T. de. 2009a. An approach to language as a complex system, em A.T. de Castilho (Org.), *História do Português Paulista*, Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp: 119-136.
- Castilho, Ataliba T. de. 2009b. Para uma análise multissistêmica das preposições em A.T. de Castilho (Org.), *op. cit.*: 279-332.
- Castilho, Ataliba T. de. 2010a. *Nova gramática do português brasileiro*, São Paulo, Editora Contexto.

- Castilho, Ataliba T. de. 2010b. Some representations of MOTION in EP and BP Standards. Lecture in the International Conference on Pluricentric Languages, Braga, Portugal, September 2010.
- Cilliers, Paul. 2000. *Complexity & postmodernism. Understanding complex systems*. London and New York, Routledge.
- Defendi, Cristina L, Lidia Spaziani, Vanessa Cacciaguerra e Renata Barbosa Vicente. 2009. Análise multissistêmica das palavras *atrás, fora, onde, afinal*, em A.T. de Castilho (Org. 2009a), *op. cit.*: 359-382.
- Franchi, Carlos. 1976. *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Tese de Doutorado, 2 vols., mimeo.
- Gleick, James. 1988. *Chaos. Making a new science*, New Cork, Penguin Books.
- Halliday, Mark Alexander Kirkwood. 1985. *An Introduction to Functional Grammar*, London, Edward Arnold.
- Humboldt, Wilhelm von. 1836, 1990. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la Humanidad*. Tradução de A. Agud, Barcelona, Madrid, Anthropos, Ministerio de Educación y Ciencia.
- Ilari, Rodolfo *et al.* 2008. A preposição, em R. Ilari e M. H. M. Neves (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. III, Classes de palavras e construções, Campinas, Editora da Unicamp: 623-808.
- Kabatek, Johannes. 2003, 2005. Tradiciones lingüísticas y cambios lingüísticos, *Lexis XXIX*, 2: 151-177.
- Kewitz, Verena. 2007. *Gramaticalização e semanticização das preposições a e para no Português Brasileiro (sécs. XIX a XX)*, São Paulo, Universidade de São Paulo, tese de doutorado.
- Kewitz, Verena. 2009. Gramaticalização, semanticização e discursivização das preposições *a* e *para* no Português Brasileiro (sécs. XIX a XX), em A.T. de Castilho (Org. 2009a), *op. cit.*: 603-736.
- Lakoff, George. 1975. Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts, em Hockney *et al.* (Eds.), *Contemporary research in philosophical logic and linguistic semantics*, Dordrecht, D. Reidel Publishing Co.: 121-171.
- Lakoff, George. 1982. Categories: an essay in cognitive linguistics, em *Linguistics in the Morning Calm*. Selected Papers from SICOL-1981, Seoul, Hanshin Publishing Co.: 139-209.
- Lightfoot, David. 1999. *The Development of language. Acquisition, change and evolution*, Malden, Oxford, Blackwell Publishers.
- Módolo, Marcelo. 2004. *Gramaticalização das conjunções correlativas*, São Paulo, Universidade de São Paulo, Tese de doutorado.
- Módolo, Marcelo. 2006. A estrutura correlativa alternativa 'quer...quer' de uma perspectiva multissistêmica, em T. Lobo, I. Ribeiro, Z. Carneiro, N. Almeida (Orgs.), *Para a História do Português Brasileiro*, Salvador, EdUFba. Republicado em A.T. de Castilho (Org. 2009a), *op. cit.*: 465-478.
- Moraes de Castilho, Célia Maria. 2005. *O Processo de redobramento sintático no Português medieval. O redobramento pronominal e a formação das perfrases de estar + ndo / -r*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Tese de doutorado.
- Morris, Charles W. 1938. *Foundations of the Theory of Signs*, Chicago, The University of Chicago Press. Tradução para o português de M. J. Pinto.

- Naro, Anthony J. e Marta M.P. Scherre. 2003. Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número, em M. C. de Paiva e M. L. Duarte (Orgs.), *Mudança linguística em tempo real*, Rio de Janeiro, Contracapa, Faperj: 47-62.
- Nascimento, Milton. 1993. Gramática do Português Falado: articulação teórica. Conferência lida no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Publicado em A. Zilles (Org. 2005), *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*, Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 93-116.
- Santos, Elaine Cristina, Kelly Viviane Bernardo, Luciana Terra e Paulo Barroso. 2009. Análise Multissistêmica dos verbos *buscar, esperar, querer, vir*, em A.T. de Castilho (Org. 2009a), *op. cit.*: 383-398.
- Sartin, Elisângela B. de Godoy. 2009. Análise multissistêmica de orações complexas: estruturas *para* + infinitivo no português culto, em A. T. de Castilho (Org.), *op. cit.*: 399-404.
- Simões, José da Silva. 2007. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no Português Brasileiro*, São Paulo, Universidade de São Paulo, tese de doutorado.
- Waldrop, M. Mitchell. 1993. *Complexity. The emerging science at the edge of order and chaos*, New York, A Touchtone book.